

Jornalismo Literário no Século 21: Reflexões sobre conceitos, história e redes de pesquisas¹

Monica MARTINEZ²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo sintetizar reflexões desenvolvidas pela autora nos últimos 25 anos sobre o tema do Jornalismo Literário. Pondera sobre raízes históricas, definições, práticas e processos. A principal conclusão é a de felizmente se tratar de um campo em construção, cuja riqueza é a pluralidade de vozes. Aponta-se para a necessidade da criação de três pontes. A primeira com outras áreas do conhecimento, como a Sociologia, Antropologia e Psicologia, uma vez que o tratamento aprofundado de um texto nesta modalidade pede aportes metodológicos e epistemológicos amplos e consistentes. A segunda é a formação de redes de pesquisadores, uma vez que já há um volume considerável de pesquisas desenvolvidas. Finalmente, a terceira ponte seria com a comunidade internacional de pesquisadores do campo, com o objetivo de dar visibilidade aos estudos nacionais.

Palavras-chave

Narrativas; Jornalismo; Jornalismo Literário; Histórias de Vida; Grupos de Pesquisa.

1 O contexto da modalidade

Este trabalho teórico tem como objetivo sintetizar reflexões desenvolvidas pela autora nos últimos 25 anos sobre o tema Jornalismo Literário. Depois de inúmeras pesquisas feitas neste quarto de século, no país e no exterior, talvez a única certeza concreta nesta área é a de – felizmente – se tratar de um campo em construção. Aliás, sua grande riqueza parece ser a pluralidade de vozes, algumas vezes em acordo, outras dissonantes, mas todas estimulantes no sentido de não se contentarem com receitas de investigação comuns e, conseqüentemente, produzirem achados interessantes.

Do ponto de vista histórico, os estudos em Jornalismo Literário compartilham naturalmente o mesmo delay de três séculos que os de Jornalismo apresentam no país. Isso porque a implantação de gráficas na então colônia portuguesa só seria autorizada em 1808, com a chegada ao Rio de Janeiro da corte lusitana em sua fuga das invasões napoleônicas. O primeiro jornal impresso no Brasil, *Gazeta do Rio de Janeiro*, seria lançado em 10 de

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Uniso, é colíder do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas (NAMI, Uniso/CNPq) e coordenadora da Rede de Pesquisa em Narrativas Midiáticas Contemporâneas (RENAMI), ligada à SBPJor. Contato: martinez.monica@uol.com.br. É autora de *Tradição e Inovação em Jornalismo Literário* (Insular, 2016).

setembro de 1808, lembrando que se tratava de um diário pró-governo e não de uma publicação de linha editorial independente (BARBOSA, 2013, p. 39). Tratava-se, evidentemente, de uma implantação tardia, se levarmos em conta que já havia tipografias na América Espanhola desde o século XVI. Mesmo em Portugal, as oficinas tipográficas não precisavam de licença para funcionar, embora os impressos necessitassem de aprovação prévia do Conselho Geral do Santo Ofício, do Conselho Ordinário da Diocese e do reino, no caso o Desembargo do Paço. “A tipografia se estendeu a várias colônias portuguesas da Ásia e posteriormente da África. Mas não ao Brasil” (MOLINA, 2015, p. 35). Para fins de comparação, desde 1776, com a independência, já haveria liberdade de expressão da mídia dos Estados Unidos, o que para alguns autores estaria relacionado ao sistema capitalista (SODRÉ, 2011). O passado feudal brasileiro seria outro fator restritor, com a gestão de seu imenso território feita por monarcas que doavam a pessoas de sua confiança as capitanias hereditárias (SODRÉ, 2011). Já para Melo, cujo tema foi objeto de sua tese de doutorado publicada em 1972, esse retardo se deveria a uma convergência de fatores sociais, políticos, históricos, econômicos e culturais, como o analfabetismo, a falta de universidades e o pouco comércio interno, com vastas distâncias e pouca mobilidade entre as cidades e os povoados (MELO, 2003), entre outros.

De toda forma, a Independência e criação do Império continuaram ocasionando altos e baixos no quesito liberdades e repressões à mídia – o que também impactava os estudos do campo. Convém ressaltar que a liberdade de imprensa foi muito maior no Segundo Império, que teve à frente D. Pedro II (1825-1891). O Imperador era um franco admirador das tecnologias ligadas à Comunicação – foi um incentivador da fotografia, entre outras técnicas – e do modelo estadunidense de gestão política (CARVALHO, 2007, p. 167). Tanto que uma das primeiras reflexões sobre processos comunicativos data de 1846, quando a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* publicou o artigo “Progresso do Jornalismo no Brasil”, de Francisco Souza Martins. Contudo, o Império ainda se constituía de uma capital apartada dos oito mil quilômetros de costa, seis mil e quinhentos delas no Atlântico e mil e quinhentos nas margens do Amazonas. As comunicações por terra eram feitas arduamente, por cavaleiros e comboios de mulas. “Os poucos rios navegáveis eram bloqueados por frequentes quedas d’água e corredeiras” (HALLEWELL, 2012).

Por ser inspirada na imprensa francesa, fortemente politizada, a imprensa nacional em consolidação enfrentou dificuldades significativas em momentos políticos de grande

autoritarismo. No caso brasileiro, nominadamente em fases lideradas por ditaduras militares: 1) A República Velha, iniciada com o golpe da declaração da República (1889-1930); 2) A República Nova (1930-1964), em particular na Era Vargas (1930-1945); 3) Finalmente, a ditadura de 1964 (1964-1985) (STARLING; SCHWARCZ, 2015) – talvez o mais estudado período do ponto de vistas de estudos de jornalismo. Na primeira metade do século XX, outro marco das reflexões teóricas seria feito pelo permambucano Luiz Beltrão (1918-1986), por meio da fundação do Instituto de Ciências da Informação, o Icinform (MELO, 2015).

Apesar dos precursores, a pesquisa em Comunicação, como um campo, seria realmente constituída no país nos anos 1970. Neste contexto da implantação tardia da mídia e de momentos com forte restrição de liberdade de expressão, não é uma surpresa que as reflexões sobre Jornalismo e, conseqüentemente, Jornalismo Literário tenham se iniciado igualmente com retardo. Outra característica marcante no caso específico do Jornalismo Literário é o foco predominante dos estudos na interface entre o Jornalismo e a Literatura (LIMA, 1990). Debate, aliás, sem fim, pois como o jornalista cultural Daniel Piza (1970-2011) bem definiu, trata-se de “dois gêneros separados pela mesma língua” (CASTRO; GALENO, 2005, p. 133). Neste âmbito, os estudos costumam abordar métodos de análise específicos (BORGES, 2013) ou concentrar-se na questão do escritor “vestido de repórter” (BULHÕES, 2007, p. 62), isto é, no qual a profissão é vista um ganha-pão e uma vitrine para autores que desafiavam um mercado, que, convenhamos, sempre foi modesto se comparado ao dos Estados Unidos.

A questão do perfil do profissional volta à tona em geral quando o sistema midiático atravessa momentos de crise. Seja a dos anos 1950, quando, após a Segunda Guerra Mundial, decaí a influência do paradigma da mídia francesa – em tese mais opinativa – e ascende a da mídia estadunidense, tida como mais concisa. Os líderes daquela fase preconizavam a implantação de novos processos tecnológicos e normativos, como os manuais de redação, e seriam taxados por vozes proeminentes de então, como a do jornalista Nelson Rodrigues (1912-1980), de “idiotas da objetividade” (COSTA, 2005, p. 124). Prova de que mudanças paradigmáticas não costumam ser aceitas de forma pacífica pelas comunidades (KUHN, 1982).

Um segundo grande momento de tensão se manifestaria a partir do final dos anos 1990, com o desenvolvimento da Internet e, por extensão, das plataformas digitais, que alavancaria uma transformação sem precedentes na prática jornalística. A princípio,

enquanto essa configuração não ficou mais clara, a reflexão teórica assumiria uma perspectiva apocalíptica, que colocava a própria concepção de jornalismo em risco (MEYER, 2007). Levaria décadas para que as instituições jornalísticas percebessem que seu mercado não se constituía de venda de papel, mas de conteúdo noticioso, e que seu público buscava a credibilidade propiciada pelas técnicas tradicionais praticadas por seus profissionais, como a apuração dos fatos. E aprendessem novas formas de lidar com a mudança, como o sistema pay wall, no qual apenas parte do conteúdo é liberada. “A lealdade não é atingida exclusivamene pela inclusão de formas de interatividade, mas principalmente por prover conteúdo de qualidade, e também por atrair a audiência em um projeto noticioso participativo” (MASIP et al., 2015, p. 248, tradução nossa).

Este cenário de precarização do universo de trabalho no qual o jornalista está imerso (PAULINO; NONATO; GROHMANN, 2013) evidentemente teve implicações na prática do Jornalismo Literário. Modalidade que, enquanto representante de um gênero que valoriza a narrativa (CASTRO, 2010), em geral precisa de mais tempo para a apuração e redação.

2 Mas afinal, o que é Jornalismo Literário?

Aparentemente até agora, todas as tentativas de definição sobre Jornalismo Literário redundaram em fracasso (CASTRO, 2010). Afirmção correta, pois não há de fato consenso sobre este termo, seja no país ou no exterior. Para fins argumentativos, contudo, podemos propor que é justamente esta porosidade conceitual o segredo do sucesso da práxis e do pensamento sobre Jornalismo Literário. Já em 1995, o jornalista e estudioso estadunidense Mark Kramer ilustrava que, até então, o Jornalismo Literário tinha sido uma forma “you-know-it-when-you-see-it” (você sabe quando a vê, em tradução nossa), para dizer que mesmo nos Estados Unidos ela estava em processo de sistematização (KRAMER, 1995).

Não por acaso, esta forma seria conhecida, nos dois países, por variados nomes, como “Jornalismo Narrativo, Literatura da Realidade, Literatura Criativa de Não Ficção” (LIMA, 2016), entre outros. No Brasil, há uma corrente que caracteriza a modalidade como parte integrante do gênero diversional (MELO; ASSIS, 2010), não no sentido de entretenimento, mas de diverso (COSTA, 2015, p. 76). Há alguns termos mais recentes, como *Long Form Journalism* (LONGHI; WINQUES, 2015). Quando se fala em *Jornalismo Narrativo*, estamos em geral nos remetendo ao grupo da Fundação Nieman, o braço jornalístico da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, particularmente ao período em que esta fundação foi dirigida pelo docente Mark Kramer, no início dos anos 2000. O termo

Literatura da Realidade remete a um dos grandes expoentes da prática, o estadunidense Gay Talese (TALESE; LOUNSBERRY, 1995), que entende que o jornalista pode empregar recursos literários para reportar melhor a realidade que está cobrindo. Já *Literatura Criativa de Não Ficção* é uma tradução do espanhol *Periodismo informativo de Creación*, que remete à escola Fundación Gabriel García Márquez para El Nuevo Periodismo Iberoamericano. Mas não é raro vários pesquisadores caírem em tentação de propor seu próprio termo, como um astrônomo que imagina estar visualizando uma nova estrela. Por outro lado, há uma tendência de se empregar terminologias, como Novo Jornalismo, como se fossem descoladas desse movimento. Embora a autora deste artigo entenda que se trata de uma fase do Jornalismo Literário, provavelmente a que teve maior repercussão midiática, ligada aos anos 1960-1970, em particular nos Estados Unidos por meio de nomes como Norman Mailer (1923-2007), Gay Talese e Tom Wolfe, entre outros. Há também controvérsias entre os estudiosos se outras propostas específicas, como o Jornalismo Gonzo (RITTER, 2015), fariam parte do escopo do Jornalismo Literário, dadas as condições de produção desta modalidade.

Seja como for, a cena II do ato II de *Romeu e Julieta*, do dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616), pode ser uma boa explicação para este fenômeno: “What’s in a name? That which we call a rose by any other name would smell as sweet” (SHAKESPEARE, 1998). Em tradução nossa: “O que há em um nome? O que chamamos de rosa, por qualquer outro nome, exalaria um perfume igualmente tão doce”. Em outras palavras, o mais importante é observar o fenômeno jornalístico que envolve a produção destas peças aprofundadas, e não se enredar em barreiras de linguagem. Neste sentido, ninguém até agora foi mais feliz que o estudioso estadunidense John C. Hartsock ao afirmar que não há uma designação universal. Sem a intenção de resolver definitivamente a questão, ele diz ter decidido optar pelo termo Jornalismo Literário devido à compreensão de que os textos em consideração são narrativos. “Futuras discussões entre acadêmicos poderão construir culturalmente uma nomenclatura definitiva, se tal nomenclatura for possível (HARTSOCK, 2000, p. 11, tradução nossa).

3 As origens do Jornalismo Literário

A busca das origens do Jornalismo Literário remete a um debate interessante. Lima sugere que o termo foi cunhado nos Estados Unidos na década de 1930 (LIMA, 2010). Para Pena, sua base seria o medo, no sentido de ser preciso organizar relatos para reportar

informações à comunidade. Logo, “começa junto com a primeira comunicação humana, ainda na Pré-História (PENA, 2006, p. 25). Segundo Castro, “passar notícias de forma literária remonta aos egípcios” (CASTRO, 2010, p. 11). Todas essas afirmativas podem ser consideradas verdadeiras, mas adotaremos a noção de que ele surge mais tarde, ao redor do século XVIII, quando as características modernas do Jornalismo e, por extensão, do Jornalismo Literário podem ser identificadas: periodicidade, atualidade, universalidade e publicidade (GROTH, 2011).

No Brasil, os principais exemplos são do século XX: Euclides da Cunha e João do Rio. O engenheiro carioca Euclides da Cunha (1866-1909) cobriu a insurreição de Canudos para o jornal *O Estado de S. Paulo* em 1897. Pelos cinco anos seguintes, usou o material excedente para escrever *Os Sertões*, lançado em 1902, obra traduzida nos anos 1940 para o inglês e até hoje no catálogo da editora da Universidade de Chicago (CUNHA, 1944). Já João do Rio era o pseudônimo do multimídia da época Paulo Barreto (1881-19210, que fazia imersões na sociedade carioca da época para fazer relatos de profundidade como o do seu livro *As Religiões do Rio* (RIO, 1976). Apesar de extintas, as revistas *Realidade* e o *Jornal da Tarde* continuam referências, num cenário que tem se aberto com a criação de revistas com *Brasileiros* e *piauí*, além de sites. Apesar dos ambientes digitais, os livros-reportagem seguem sendo o lugar privilegiado onde o Jornalismo Literário pode ser observado em toda sua potencialidade (LIMA, 2009).

4 Uma modalidade para poucos

Para Lima, o Jornalismo Literário ocupa uma posição especial na cultura contemporânea, mas não “é a forma de jornalismo mais popular, nem a mais constante. Tampouco é o estilo dominante na imprensa. Como não é o maior, resta-lhe ser diferente” (LIMA, 2010, p. 9). Destacamos duas observações neste contexto:

4.1 Formação profissional. Como vimos, vários fatores históricos do processo de colonização do país levaram a questões importantes no letramento populacional. Ao receber novas turmas na graduação em jornalismo, um docente da área muitas vezes recebe talentos, mas também alunos que enfrentam desafios sérios de domínio do idioma, bem como de compreensão e interpretação textuais. Não é raro encontrar no alunado grandes narradores orais, que apresentam dificuldades na hora de transformar suas narrativas em um texto. Ainda neste quesito, é preciso lembrar que os expoentes mais significativos de

Jornalismo Literário em geral possuem uma cosmovisão de mundo humanizante e abrangente, que tenta ser compreensiva (KÜNSCH, 2014; MARTINO, 2014) para dar conta de relatar o complexo mundo em que vivemos (MORIN, 2007). Essa visão ampla exige, além do domínio de recursos literários e técnicas jornalísticas, conhecimento em vários campos, como história, sociologia, psicologia, antropologia, entre outras. Pede, também, um profissional com sensibilidade apurada para a questão da alteridade, isto é, a abertura para a tentativa da compreensão do outro, sem que haja necessidade de endossar a visão de mundo. Afinal, sabemos de antemão o que já conhecemos sobre o mundo alheia. Interessa descobrir o que o outro pensa, sente e faz para criar relatos imersivos e envolventes.

4.2 O mercado profissional. Uma vez que se tenha um profissional qualificado para a prática, é necessário um campo fértil para acolher esse material produzido. A grande crítica ao Jornalismo Literário é a de que não há mais espaço para ele no mundo contemporâneo. A experiência, contudo, nos revela que há espaço sim, embora não hegemônico, e que os jornalistas talentosos conseguem, ao longo do tempo, impor seu estilo, embora não raro por meio da persistência. Mesmo nos diários de grande circulação, como *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo*, no caso paulista, é possível encontrar profissionais de desempenho excepcional, como Christian Carvalho Cruz, entre vários outros. Há, também no mundo atual, jornalistas responsáveis por muitos veículos corporativos que, caso possuam a visão necessária, estão em posição de influenciar os gestores a abrir espaços para as boas práticas. Às vezes os espaços parecem não ser aproveitados não pela sua ausência, mas pela falta de planejamento. Um exemplo são as efemérides de cobertura anuais, como dia das mães e pais, que poderiam ser melhor aproveitadas se os responsáveis planejassem um calendário anual que previsse o tratamento mais aprofundado e criativo nestas ocasiões.

5 Desdomesticar os olhos e grandes expoentes

Não se pretende aqui apresentar uma relação de nomes, mas antes delinear um argumento sobre o que faz do Jornalismo Literário algo autoral. Possibilita, portanto, a cada autor apresentar seu modo de ver e relatar o mundo. Consequentemente, sobretudo no caso de produtos como livros-reportagem, favorece ao leitor a possibilidade de escolha a partir de visões que sejam semelhantes, complementares, diferentes ou mesmo diametralmente opostas à do(a) leitor(a), como ele(a) preferir. Neste sentido, um aspecto interessante do Jornalismo Literário é justamente a possibilidade de se acompanhar os altos e baixos da produção de um mesmo autor, uma vez que podemos apreciar uma peça produzida e

detestar outra que venha em seguida. Como não é padronizada, a produção é viva, em constante processo, sujeita a erros e acertos.

Essa noção leva a outra, bem importante. Como um cacto plantado em terra úmida ou uma árvore da Amazônia transplantada para um deserto, um autor talvez não esteja no seu ponto ótimo se não estiver ocupando um espaço que lhe permita florescer. E se o universo jornalístico perdeu as redações gigantescas presentes até o final dos anos 1990, ganhou em multiplicidade de opções, algumas que independem de instituições jornalísticas. É o caso das redes sociais, que está levando muitos usuários que alcançam sucesso e visibilidade a receber propostas de inserção em meios comunicacionais tradicionais, como televisão e livros-reportagem. Por outro lado, os usuários das redes bem sucedidos têm intuitiva ou conscientemente noção de que estão projetando uma identidade e cultivando notícias de interesse comum a uma dada comunidade, nutrida por meio de características atribuídas ao jornalismo, em particular ao especializado, como periodicidade, contemporaneidade e especificidade. Mais uma vez, isto exige planejamento, uma vez que a cobrança agora não vem de fora (um editor, um prazo, um espaço físico), mas do usuário como empreendedor.

6 Em vez de falácias, pesquisas

Há algumas discussões no campo que já atravessam séculos, e se seguem sendo debatidas é porque continuam relevantes, sobretudo para quem está iniciando nestes estudos. Vamos comentar três delas. A primeira é a noção de objetividade que o Jornalismo Literário não teria. O fato é que ao analisarmos reportagens que possuem elementos de Jornalismo Literário, o que em geral nota-se é um exaustivo trabalho de investigação. Apuração rigorosa, portanto, não raro por longos períodos de tempo, é uma das premissas básicas já explicitadas por Mark Kramer em uma das obras seminais do assunto, lançada em 1995 (KRAMER; SIMS, 1995).

A segunda é a de que Jornalismo Literário seria composto por textos floreados, contendo elementos como o nariz de cera do jargão jornalístico – aberturas de matéria que não empregariam a fórmula do lide. O interessante é que já em 1970, um dos expoentes do Jornalismo Literário estadunidense, em sua fase intitulada Novo Jornalismo, lançou um livro no qual postulava os recursos literários com os quais os jornalistas compunham suas peças jornalísticas: a construção cena a cena; o uso de diálogos; os símbolos de status de vida e, mais difícil de ser encontrado, o ponto de vista flexível (WOLFE, 2005). Neste

âmbito, uma tese recente aprofunda-se na divisão entre autor (mediador social demarcado pela formação e ligado a um ofício) e narrador (uma criação do autor, que existe para narrar a obra a partir de uma dada perspectiva) em jornalismo, chegando à conclusão de que ainda hoje os jornalistas nacionais usam este recurso de forma intuitiva, não intencional (MARTINS, 2016).

Finalmente, há a alegação de que os leitores não teriam interesse em obras mais longas, sobretudo em suportes digitais. Uma pesquisa realizada sobre a obra da jornalista Eliane Brum suscita ponderações: “No portal da revista *Época*, Brum aceita o ritmo temporal de produção semanal, respeitando rigorosamente o deadline, mas se apropria com gosto do espaço ilimitado” (MARTINEZ, 2014, p. 75). Um exemplo é *Testamento Vital*, entrevista realizada com o cardiologista José Eduardo de Siqueira, que possui tamanho considerável: 43.986 caracteres. “(...) este estudo revela que o fenômeno da vinculação (MENEZES, 2007) com um jornalista-autor fala mais alto do que eventuais limites de sua produção”. (MARTINEZ, 2014, p. 75). Estaríamos no campo, portanto, das vinculações movidas a afetos, base da Comunicação como defendem teóricos importantes do campo (BAITELLO JÚNIOR, 2014; SODRÉ, 2006). O difícil seria estabelecer esta vinculação afetiva do texto com o leitor. Uma vez estabelecida a interação, aparentemente o tamanho passa a ter importância diminuída na leitura.

7 Muito além da Literatura

Do jornalismo, o Jornalismo Literário compartilha a necessidade de apuração criteriosa do fato – não se admite invenção –, bem como a ética nas relações com fontes e leitores. Vimos em Wolfe (WOLFE, 2005) os quatro recursos que ligam o Jornalismo à Literatura. Contudo, o Jornalismo Literário ultrapassa essa interface, estabelecendo relações com outros saberes, como a sociologia, em particular técnicas imersivas como a observação participante, que remetem aos estudos da Escola de Chicago dos anos 1930. A Psicologia contribuiria com as correntes que permitem compreender em profundidade os fatores psíquicos que influenciam o indivíduo. Deste modo multidisciplinar,

“podemos compreender o jornalismo literário do século XXI como a modalidade de prática jornalística que emprega métodos de captação e observação da realidade das Ciências Sociais, área onde o jornalismo se insere. Uma vez selecionados, esses dados, ressignificados a partir da experiência do profissional, são redigidos com técnicas provenientes da literatura com o objetivo de criar um relato não-ficcional envolvente, que permita a compreensão aprofundada do tema. (MARTINEZ, 2012, p. 120).

É este conjunto de arcabouços conceituais, técnicos, estéticos e éticos que poderia permitir ao jornalista literário “ultrapassar a camada superficial do real, mergulhando nas dimensões mais profundas da realidade de forma a apurar, resgatar, compreender e, finalmente, relatar de uma forma mais integral os sentidos, os nexos e as conexões existentes no acontecimento” (MARTINEZ, 2014, p. 66).

8 Histórias de vida em um cenário complexo

Muito se tem falado, e com razão, sobre o papel central do ser humano nestas narrativas contemporâneas (VILAS-BOAS, 2008, 2014). Lima ressalta a importância deste mergulho profundo no mar interior do indivíduo, com conteúdos conscientes ou não, o que certamente torna bem-vindos conhecimentos das ciências psicológicas (LIMA, 2010, p. 89). Importante destacar que a história de vida é um método consagrado em várias áreas do conhecimento (MARTINEZ, 2015), oferecendo ao jornalista literário um amplo leque de possibilidades, como a história de vida familiar preconizada pelo sociólogo francês Daniel Bertaux (BERTAUX, 2010).

Além deste mergulho compreensivo interno, é preciso estar atento às inúmeras conexões que ligam a pessoa e grupos sociais a vários sistemas, entre eles o midiático. Trata-se do chamado ecossistema (MARTINEZ; MENEZES, 2014).

9 A importância das referências

Que o jornalismo está em crise já se sabe desde o início do século XXI. Por isso, parece ser mais produtivo do ponto de vista de pesquisa focar nos exemplos de profissionais e instituições que estão conseguindo oferecer caminhos se não perfeitos, ao menos possíveis e, a partir da reflexão destes casos, tirar possibilidades aplicáveis para cada caso. Há, sempre, os bons exemplos advindos de revistas tradicionais neste campo. Para os que dominam outros idiomas, como o inglês, um deles seria a *New Yorker*, produzindo material de excelência desde 1925. Não é nem mais preciso investir recursos financeiros nesta empreitada de se manter atualizado, pois os veículos liberam certa proporção de seu material gratuitamente em suas redes sociais ou newsletters.

Talvez, neste campo das referências, além do estudo sério do assunto, e do acompanhamento das novidades, seja importante certa serendipidade, isto é, se deixar ser surpreendido por material de qualidade onde não se esperaria encontrá-lo. A jornalista Eliane Brum, em palestras, costuma revelar que é uma leitora voraz de tudo, incluindo

caixas de cereais e bulas de remédio. É esse olhar curioso que permite identificar ângulos novos em fatos conhecidos.

10 Considerações finais sobre conhecimento, diálogos acadêmicos e futuro

O professor Edvaldo Pereira Lima, docente agora aposentado do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, é uma das grandes referências no ensino e na pesquisa em Jornalismo Literário, sobretudo no Estado de São Paulo, tendo formado vários pesquisadores desde os anos 1990. Neste último quarto de século, felizmente, vários outros profissionais começaram a teorizar sobre a modalidade, refletindo-se em produtivas discussões em vários cenários e universidades espalhadas pelo país, o que já no final dos anos 2000 nos levava a apontar o fenômeno da expansão do gênero (MARTINEZ, 2009). Em um cenário em franco processo de mapeamento, alguns autores começaram a se especializar num dado segmento de estudo, como é o caso do Jornalismo Literário e sua relação com a ciência (PASSOS; NERING; CARVALHO, 2010).

A oferta de cursos de *lato sensu*, como a Academia Brasileira de Jornalismo Literário, atualmente Pós-Graduação em Jornalismo Literário, também ajudou na última década a formar profissionais com uma visão ampliada de possibilidades de práticas e processos nesta modalidade.

Contudo, destaca-se aqui a relevância dos encontros acadêmicos, que ao longo destes anos reúnem estudiosos dedicados ao ensino e à pesquisa da temática. Um ponto a se enfatizar é que, devido a várias demandas institucionais, nem sempre o termo Jornalismo Literário é identificável na produção e nas disciplinas oferecidas pelos pesquisadores, sobretudo em Programas de Pós-Graduação *Strictu Sensu*. Isso porque os docentes têm o desafio de alinhar seus estudos às áreas de concentração, linhas e grupos de pesquisa peculiares a cada programa para atender as orientações propostas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação do Ministério da Educação (MEC) que regula os programas de mestrado e doutorado no país.

Ainda assim, espaços de debate como o propiciado desde 1977 pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) no país, em particular o Grupo de Pesquisa em Teorias de Jornalismo desde 2004, fomentam a construção do campo de forma gradual e sólida. É importante ressaltar também o esforço feito por estudiosos brasileiros para estabelecer laços e dialogar com grupos de pesquisa de Jornalismo Literário

no exterior. É o caso da International Association for Literary Journalism Studies (IAJLS), fundada na França em 2006, que tem como missão congregar pesquisadores de todo o mundo para incentivar a pesquisa acadêmica e a educação em Jornalismo Literário a partir da premissa de que o termo se trata de jornalismo como literatura em vez de jornalismo sobre literatura. Em 2016, graças à iniciativa do professor Juan de Moraes Domingues, da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), a conferência foi realizada pela primeira vez na América Latina.

A participação neste universo que congrega especialistas mundiais no tema, como Norman Sims, professor emérito da Universidade de Massachusetts, e John C. Hartsock, do departamento de Estudos em Comunicação da State University of New York College at Cortland (Suny Cortland), permite a inserção de pesquisas nacionais no cenário internacional, ampliando as chances de publicação em livros e revistas científicas dedicados ao tema (LIMA; MARTINEZ, 2014; TRINDADE; DOMINGUES, 2014, entre outros). Em pleno século 21, os estudos em Jornalismo Literário desenvolvidos no país estão, como a água, ocupando os espaços possíveis no cenário internacional.

As estratégias de ensino e pesquisa em Jornalismo Literário nem sempre são simples, visíveis ou mesmo eficazes. Contudo, são elas que estão possibilitando aos pesquisadores avançarem não mais de forma isolada, mas como parte integrante de um campo de estudos. Como disse o epistemólogo francês Edgard Morin recentemente, vivemos em um “mundo que agoniza, mas um novo mundo ainda não consegue nascer” (SILVA, 2016). Também no âmbito dos sistemas midiáticos e conseqüentemente das pesquisas em Jornalismo encontramos-nos no olho do furacão de uma realidade complexa, prenha do novo, mas que ainda luta para vir à tona. Como sempre acontece em momentos de parto, há tensão entre sombras e vislumbres de luz. E essa possibilidade de presenciar algo prestes a nascer é ao mesmo tempo perturbadora e inspiradora.

Referências

- BAITELLO JÚNIOR, N. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo: Paulus, 2014.
- BARBOSA, M. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BERTAUX, D. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal/São Paulo: EduFRN/Paulus, 2010.
- BORGES, R. **Jornalismo literário: teoria e análise**. Florianópolis: Insular, 2013.
- BULHÕES, M. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CARVALHO, J. M. DE. **D. Pedro II: ser ou não ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CASTRO, G. DE. **Jornalismo literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

- CASTRO, G. DE; GALENO, A. (EDS.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005.
- COSTA, L. A. DA. Gêneros jornalísticos. In: **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2015. p. 331.
- COSTA, C. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil - 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CUNHA, E. DA. **Rebellion in the Backlands**. Chicago: University of Chicago Press, 1944.
- GROTH, O. **O poder cultural desconhecido: fundamentos da ciência dos jornais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- HALLEWELL, L. **O livro no Brasil: sua história**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.
- HARTSOCK, J. C. **A history of American Literary Journalism: the emergence of a modern narrative form**. Amherst: University of Massachusetts Press, 2000.
- KRAMER, M. Breakable Rules for Literary Journalists. In: SIMS, N.; KRAMER, M. (Eds.). **Literary journalism: a new collection of the best American nonfiction**. New York: Ballantine Books, 1995. p. 21–34.
- KRAMER, M.; SIMS, N. (EDS.). **Literary journalism: a new collection of the best American nonfiction**. New York: Ballantine Books, 1995.
- KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- KÜNSCH, D. A. A comunicação, a explicação e a compreensão: ensaio de uma epistemologia compreensiva da comunicação. **Líbero**, v. 17, n. 34, p. 111–122, 2014.
- LIMA, A. A. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte/Edusp, 1990.
- LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. São Paul: Manole, 2009.
- LIMA, E. P. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Clube de Autores, 2010.
- LIMA, E. P. **Jornalismo literário**. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/conceitos>>. Acesso em: 4 jul. 2016.
- LIMA, E. P.; MARTINEZ, M. Eliane Brum: new star in Brazil's Literary Journalism firmament. In: KEEBLE, R. L.; TULOGH, J. (Eds.). **Global Literary Journalism: exploring the journalistic imagination**. New York: Peter Lang, 2014. p. 171–181.
- LONGHI, R. R.; WINQUES, K. The place of longform in online journalism: quality versus quantity and a few considerations regarding consumption. **Brazilian Journalism Research**, v. 11, n. 1, p. 104–121, 2015.
- MARTINEZ, M. Jornalismo literário: um gênero em expansão. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 32, n. 2, p. 199–215, 2009.
- MARTINEZ, M. O jornalismo literário e a mídia sonora: estudo sobre o programa Conte Sua História de São Paulo, da Rádio CBN. **Líbero**, v. 15, n. 29, p. 111–124, 2012.
- MARTINEZ, M. O jornalista-autor em ambientes digitais: a produção da jornalista Eliane Brum para o portal da Revista Época. **Comunicação Midiática**, v. 9, n. 1, p. 56–77, 2014.
- MARTINEZ, M. A história de vida como instância metódico-técnica no campo da Comunicação. **Comunicação & Inovação**, v. 16, n. 30, p. 75–90, 25 fev. 2015.
- MARTINEZ, M.; MENEZES, J. E. DE O. Do ego para o eco-sistema: vínculos e afetos na contemporaneidade. **Comunicologia**, v. 7, n. 1, p. 263–280, 2014.
- MARTINO, L. M. S. A compreensão como método. In: KUNSCH, D. A. et al. (Eds.). **Comunicação, diálogo e compreensão**. São Paulo: Pêiade, 2014. p. 17–37.
- MARTINS, J. L. **O autor e o narrador nas tessituras da reportagem**. [s.l.] Universidade de São Paulo, 2016.
- MASIP, P. et al. Active audiences and journalism: Involved citizens or motivated consumers? **Brazilian Journalism Research**, v. 1, n. 1, p. 234–255, 2015.
- MELO, J. M. DE. **História social da imprensa**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- MELO, J. M. DE. Quem sabe, faz a hora. In: **Ciências da Comunicação no Brasil 50 anos: Histórias para contar**. São Paulo: Fapesp/Intercom/Unesp/ECA-USP, 2015. p. 198.
- MELO, J. M. DE; ASSIS, F. DE. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2010.

- MEYER, P. **Os jornais podem desaparecer? Como salvar o jornalismo na era da informação**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MOLINA, M. M. **História dos jornais no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- PASSOS, M. Y. R. S.; NERING, E. M.; CARVALHO, J. M. The Chudnovsky case: how Literary Journalism can open the “black box” of science. **Literary Journalism Studies**, v. 2, n. 1, p. 27–45, 2010.
- PAULINO, R. A. F.; NONATO, C.; GROHMANN, R. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Salta/Atlas, 2013.
- PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- RIO, J. DO. **As religiões do rio**. São Paulo: Nova Aguilar, 1976.
- RITTER, E. **Jornalismo gonzo e parresia: mentiras sinceras e outras verdades**. [s.l.] PUCRS, 2015.
- SHAKESPEARE, W. **Romeo and Juliet**. Disponível em:
<<http://www.gutenberg.org/cache/epub/1513/pg1513.html>>. Acesso em: 4 jul. 2016.
- SILVA, J. M. DA. **Edgar Morin: “Um mundo agoniza, mas um novo mundo ainda não consegue nascer”**. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/dialogos/?p=515>>. Acesso em: 5 jul. 2016.
- SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo/Porto Alegre: Intercom/EdiPUCRS, 2011.
- STARLING, H. M.; SCHWARCZ, L. M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- TALESE, G.; LOUNSBERRY, B. **Writing creative nonfiction: the literature of reality**. New York: Harpercollins College, 1995.
- TRINDADE, A. D.; DOMINGUES, J. New journalism in Portuguese: from 19th century Literary Journalists to the present day. In: KEEBLE, R. L.; TULLOCH, J. (Eds.). **Global Literary Journalism: exploring the journalistic imagination**. New York: Peter Lang, 2014. p. 235–245.
- VILAS-BOAS, S. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Unesp, 2008.
- VILAS-BOAS, S. **Perfis: o mundo dos outros**. 3. ed. Barueri, SP: Manole, 2014.
- WOLFE, T. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.